



O LUGAR DA ARTE NA TEOLOGIA EVANGELICAL LATINO-AMERICANA

THE PLACE OF ART IN LATIN AMERICAN EVANGELICAL THEOLOGY

Carlos Ribeiro Caldas Filho

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade de São Paulo (UMESP). Professor da Escola Superior de Teologia e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: ccaldas@mackenzie.br

RESUMO

A teologia ocidental (protestante e católico-romana) tradicionalmente não tem se preocupado muito com a produção de uma reflexão sobre a arte. Esse tema é virtualmente ausente no discurso da teologia evangelical latino-americana, que tem concentrado seus esforços no tema da missão integral. Não obstante, pelo menos desde o final do século XIX, algumas produções teológicas têm se preocupado em pensar o tema da arte. Este artigo pretende apresentar algumas possibilidades teóricas dessa articulação, privilegiando o conceito de referencialidade proposto por Calvin Seerveld, como ferramenta teórica para uma articulação entre teologia e arte, e também enfatizar a importância dessa reflexão para a teologia evangelical latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Teologia latino-americana; Referencialidade; Estética; Teologia da beleza.

ABSTRACT

Western theology (Protestant and Roman Catholic as well) traditionally does not have so much concern with art. This theme is virtually absent in Latin American Evangelical theological reflection, which gives a great emphasis in the theme of holistic mission. Nevertheless, at least since the end of 19th century some theological productions have had the concern of think about art. This article intends to present some theoretical possibilities of this interface, with special emphasis in the Calvin Seerveld's idea of allusiveness, as a theoretical tool for an articulation between theology and the arts, and also the importance of this reflection to Latin American Evangelical theology.

KEYWORDS

Art; Latin American theology; Allusiveness; Aesthetics; Theology of beauty.

Quando Deus criou a arte, deu a ela um lugar no mundo, ao qual chamou de bom. A arte existe porque Deus quis que existisse. Ela tem função e significado próprios (HANS ROOK-MAAKER).

1. A DIFICULDADE DE REFLEXÃO SOBRE TEOLOGIA E ARTE NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO CRISTÃO

Por milênios, religião e arte têm andado lado a lado. Praticamente todas as expressões religiosas se expressam por meio de uma ou outra manifestação artística. O cristianismo evidentemente não é exceção. Apesar disso, a teologia cristã tradicionalmente tem tido alguma dificuldade para pensar a arte, a beleza, a estética.

A noção antiga de transcendentais apontava para uma tríade especial: o bom, o belo e o verdadeiro. No pensamento de S. Tomás de Aquino, os transcendentais do ente são, além dos já citados bom, belo e verdadeiro (*bonum, pulchrum, verum*), também *res* (“coisa” e também “real”, “verdadeiro”), *aliquid* (palavra que indica a alteridade de cada ente) e *unum* (palavra que aponta para o aspecto “um” e “uno” de cada ente). De fato, era comum na escolástica medieval afirmar que tudo na criação aponta para o criador e tem as marcas do bom, do belo e do verdadeiro. Como exemplo pode-se citar S. Boaventura (século XII), que fazendo referência à *Metafísica* de Aristóteles fala das condições do ser: uno, verdadeiro, bom e belo. A teologia cristã tradicionalmente tem seguido, conscientemente ou não, algumas dessas características. As teologias dogmática e sistemática apontam para o verdadeiro – aquilo em que se deve crer. A ética reflete o bom – aquilo que se deve fazer. E o belo? O que na teologia cristã reflete a estética? Esta tem sido via de regra, ao longo dos séculos, grande – e incompreensível – lacuna. A teologia ocidental tradicional, tanto a teologia católico-romana como a protestante, quase não se ocupa da reflexão sobre a estética. Não é comum encontrar capítulo ou verbete sobre “arte” ou “estética” em manuais de teologia sistemática ou em dicionários e enciclopédias teológicas. Há evidentemente uma rica e profunda arte cristã (cf. inter alia, HEINZ-MOHR, 1997) – diga-se de passagem, a tradição evangélica no Brasil e na América Latina, em razão de um muito forte ranço anti-romano, ignora por com-

pleto essa tradição. Tome-se como exemplo o *Westminster Dictionary of Theological Terms*, que define arte cristã como “arte que representa temas cristãos como expressões da fé bíblica” (MCKIM, 1996, p. 18). Afinal, são dois mil anos de produção, no Oriente ortodoxo e no Ocidente romano e reformado, na pintura, na música, na escultura, na arquitetura, na literatura, no cinema e quiçá em outras manifestações artísticas, a partir de uma inspiração cristã.

Desde seus primórdios, o cristianismo tem lançado mão de símbolos pictóricos para expressar sua fé, por meio de imagens extraídas do texto bíblico, como a figura do cordeiro (para representar Jesus) ou da âncora (para representar a esperança cristã). É bem verdade que a maneira cristã de ver a arte não tem sido unânime. A igreja do Oriente testemunhou nos séculos IX e novo a “controvérsia iconoclasta”. O cristianismo ocidental teve sua versão da controvérsia iconoclasta no período da Reforma do século XVI com o movimento liderado por Andreas von Karlstadt, o qual teve vigorosa oposição de Lutero (cf. Dreher, 2001, p. 27-41). O puritanismo no século seguinte manifestou ter recebido influência de Karlstadt. E os evangélicos latino-americanos – brasileiros e hispano-americanos – tradicionais, pentecostais e neopentecostais são quase sempre avessos a qualquer tipo de manifestação estética, especialmente na liturgia. O mesmo pode ser dito quanto à reflexão teológica evangelical latino-americana que tem virtualmente ignorado o tema da arte. Como se sabe, o “carro-chefe” da teologia evangelical latino-americana tem sido a teologia da missão integral da Igreja. Nesse sentido, é mais que óbvio que importante papel tem sido cumprido pelos que se identificam com essa produção teológica (cf. Zabatiero, 2007, p. 133-158). Todavia, há que se considerar a existência de “pontos cegos” no discurso da teologia evangelical latino-americana¹.

Este artigo, portanto, é uma introdução ao tema da estética teológica, a partir da especificidade contextual latino-americana evangelical. Todavia, antes de prosseguir é necessá-

¹ Nesse sentido, é notável que a Fraternidade Teológica Latino-America – Brasil (FTL-B) tenha realizado em dezembro de 2007 em Brasília (DF) uma consulta nacional sob o tema “Teologia e arte”, no qual se discutiu exatamente um desses tópicos até agora não considerados em sua reflexão teológica (cf. ZABATIERO, 2007).

rio definir estética teológica. Uma definição conceitual útil é a proposta por Gesa Elsbeth Thiessen (2004, p. 1, tradução nossa):

Estética teológica é o estudo interdisciplinar de teologia e estética, e tem sido definida como “preocupada com questões a respeito de Deus e de teologia à luz do, percebidas pelo conhecimento (sensação, sentimento, imaginação) e por meio da beleza e das artes”.

É, portanto, um campo bastante amplo, pois inclui a elaboração de uma teologia da beleza e um diálogo entre a teologia e a arte, nas suas mais variadas manifestações. Na perspectiva da estética teológica, a arte assume *status* de *locus theologicus*². Certamente, uma fronteira nova para a investigação teológica.

2. TENTATIVAS DE PRODUÇÃO DE UMA TEOLOGIA DA ARTE

Não se pode de modo algum deixar de mencionar que há pensadores cristãos que consideram os temas da arte e da estética. Observa-se na história do pensamento cristão um esforço para a criação de uma teologia da estética. Já no século XVI, João Calvino, ao contrário dos estereótipos que ao longo dos séculos lhe têm sido atribuídos, demonstra claramente ter a arte na mais alta conta. Ainda que em alguns textos defenda um despojamento estético, principalmente no que tange à liturgia. Sem embargo, em outros é nítida a importância da arte em sua teologia. Calvino (1985) nas *Institutas da religião cristã* reconhece que toda e qualquer atividade

² José Carlos Barcellos (2001, p. 59) cita o teólogo espanhol Melquíades Andrés Martín, que afirmou que o conceito de *locus theologicus* foi elaborado em 1563 por Melchor Cano. Conforme essa elaboração, sete são os “lugares próprios” (Sagrada Escritura, tradição, autoridade da Igreja, concílios, autoridade da Igreja romana, Santos Padres, teólogos e canonistas) e três são “alheios” (razão natural, filósofos e juristas, história e tradições humanas).

humana, em qualquer área, é dom divino, que deve ser usado para o bem-estar da humanidade. O reformador nos adverte a não nos esquecermos de

[...] que mui excelentes dons do Espírito Divino são estes, que, para o bem comum do gênero humano, dispensa a quem quer [...]. Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nela graciosamente oferecidas (CALVINO, 1985, livro II.I.16, p. 33).

Ao comentar Êxodo 31:1-8, a narrativa do chamado e capacitação de Bezalel e Aoliabe pelo Espírito de Deus para a confecção de obras de artesanato para o tabernáculo, Calvino declara que

todas as artes emanam d’Ele, e portanto devem ser reconhecidas como invenções divinas [...] portanto, devemos concluir que qualquer habilidade possuída por qualquer pessoa emana de uma única fonte, e é conferida por Deus (cf. CALVIN, 1854, v. 3, p. 291-292).

Calvino não desenvolveu uma teologia da arte propriamente. Mas estabeleceu *in nuce* princípios que foram posteriormente desenvolvidos de maneira mais elaborada por outros teólogos, especialmente os do assim chamado neocalvinismo holandês. Abraham Kuyper (2002, p. 160) cita uma passagem elucidativa de Calvino, na qual o reformador afirma que as artes “nos foram dadas para nosso conforto, nesse nosso estado deprimido de vida”. Na leitura que fez de Calvino, o teólogo holandês Abraham Kuyper (1837-1920), na palestra intitulada “Calvinismo e arte” (uma das *Stone Lectures*, proferidas no Seminário Teológico de Princeton em 1898) apresenta uma síntese da posição de Calvino quanto à arte:

Calvino apreciava a arte em todas as suas ramificações como um dom de Deus, ou mais especialmente, como um dom do Espírito Santo; que ele entendeu plenamente os profundos

efeitos produzidos pela arte sobre a vida das emoções; que ele apreciava o fim pelo qual a arte fora dada, a saber, que por ela poderíamos glorificar a Deus, dignificar a vida humana, e beber na mais alta fonte de prazeres, sim até mesmo no esporte comum. E, finalmente, que longe de considerar a arte como simples imitação da natureza, ele lhe atribuiu a nobre vocação de desvendar para o homem uma realidade mais alta do que foi oferecida a nós pelo mundo pecaminoso e corrupto (KUYPER, 2002, p. 161).

Kuyper reconhece que o calvinismo contribuiu para o avanço concreto das artes, e há exemplos na poesia, na música, na pintura e até mesmo na escultura. Em suma, sobre a influência de Calvino para a compreensão teológica da arte e sobre a sua importância na tradição protestante evangélica posterior, pode-se citar Seerveld (1990, p. 78): “a arte tem a tarefa mística de trazer à lembrança daqueles que têm saudades dos céus a beleza perdida e o brilho perfeito que há de vir”. É bem verdade que posteriormente, por influência anabatista (e mais recentemente ainda por influência pentecostal) muito do legado de uma teologia protestante e reformada da arte tem sido deixado de lado. Não poucos membros e líderes de igrejas de tradição reformada na América Latina pensam que toda e qualquer manifestação artística não tem nenhum valor simbólico ou teológico.

Outros teólogos identificam-se com essa tradição do pensamento cristão, como Herman Bavinck (1854-1921), sucessor de Kuyper na Universidade Livre de Amsterdã. Bavinck, à semelhança de Kuyper, também trabalha teologicamente o tema da arte, tendo como marco teórico dessa construção a idéia teológica da graça comum de Deus. Ambos entendem que a beleza tem origem no ser e na natureza de Deus. Ao artista cabe lutar pela beleza. A arte ecoa a beleza da criação original de Deus, imaculada pelo pecado, e antecipa de alguma maneira a consumação. Bavinck (talvez mais que Kuyper) parece ser influenciado por Platão, ao defender a idéia de que a natureza, por sua vez, reflete um universal transmundano. Nessa perspectiva, a natureza mais reflete a beleza que a possui. Essas idéias podem ser contestadas e criticadas. Mas não há dúvida de que esses teólogos foram de alguma

maneira originais, pois incluíram em seus esquemas teológicos o tema da arte, algo que em seu tempo era absoluta novidade.

3. A NOÇÃO DE REFERENCIALIDADE DE CALVIN SEERVELD

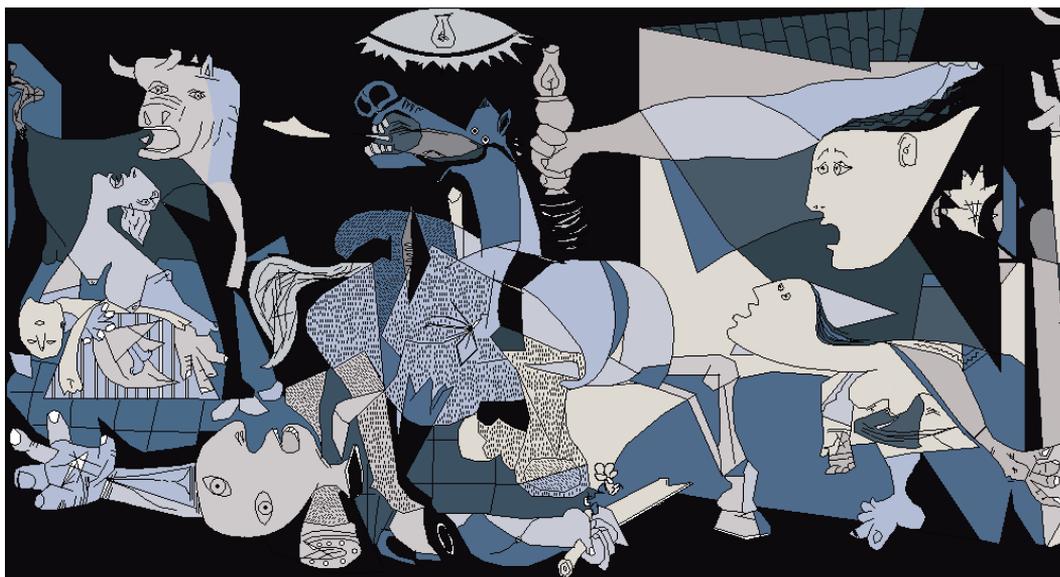
Na mesma linha do neocalvinismo holandês, estão outros pensadores como Herman Dooyweerd, Hans Rookmaaker e, mais recentemente, Nicholas Wolterstorff, Adrienne Chaplin e, especialmente, Calvin Seerveld, teólogo norte-americano radicado no Canadá, ainda pouco conhecido no Brasil. Seerveld é especialista em estética filosófica e, falando sobre as artes em geral, desenvolve uma idéia que é sugerida neste artigo como embasamento para uma articulação entre teologia e arte na teologia evangelical latino-americana: a idéia da capacidade *referencial* da arte. O conceito da arte como tendo um poder de apontar para outra realidade pode ser útil para os propósitos da leitura que se propõe no presente artigo.

Seerveld (1995) é autor de um pequeno clássico, *A christian critique of art & literature* (a primeira edição é de 1968). Ao falar da arte, Seerveld desenvolve a idéia de *alusiveness* – algo como “referencialidade”. A arte, segundo Seerveld, tem a capacidade de apontar para valores além de si mesma. Quanto ao aspecto de *allusiveness* da arte, Seerveld (1995, p. 46-47) afirma em tom bastante coloquial:

Se você tem uma objetificação simbólica [...] do significado, você tem arte; caso contrário, você não tem arte. Se o significado objetificado simbolicamente é profundo ou perverso, não importa, você tem uma arte profunda ou perversa ou irrelevante. Se a qualidade simbólica é límpida, complicada ou evasiva, você tem arte límpida, ou complicada ou evasiva. Mas sem uma objetificação simbólica referencial, nada de arte³.

³ “If you have law-abiding allusive symbolical objectification of meaning, you have art; if not, you do not have art. If the meaning symbolically objectified is profound or evil-minded or unimportant, you have profound or evil-minded or unimportant art. If the symbolic quality is limpid or complicated or elusive, you have limpid or complicated or elusive art. But no [...] allusive symbolical objectification, no art.”

Há que se destacar que Seerveld se distancia de outros teólogos identificados com o neocalvinismo holandês. Enquanto pensadores como Dooyeweerd e Bavink pensavam a arte em termos clássicos e tradicionais de razão, proporcionalidade e simetria, Seerveld, ao pensar a arte em termos de referencialidade, vai considerar como artística e carregada de significado teológico uma obra como o conhecido quadro *Guernica* (atualmente exposto no Museu Reina Sofía, em Madri), de Pablo Picasso.



Guernica, de Pablo Picasso.

Com base em um referencial clássico, como o utilizado por Bavink e Dooyeweerd, *Guernica* jamais seria considerada obra de arte. Faltam-lhe razão, proporção e simetria. Observe-se que não há nada na pintura que ao menos se aproxime dessas noções. Exemplo claro da ausência de simetria está nos olhos do boi, no alto à esquerda (os olhos do animal não estão em uma mesma linha). Pintada em 1937, a obra é um libelo sem palavras, mas poderosamente eloqüente, contra a guerra. Trata-se de um lamento visual que apela mais à emoção que à razão, quanto ao bombardeio nazista alemão da cidade espanhola de Guernica, por 28 bombardeiros, no dia 26 de abril de 1937 durante a Guerra Civil espanhola. Como resul-

tado, centenas de pessoas morreram, e outras tantas foram feridas. A pintura de Picasso de algum modo antecipa, quase que profeticamente, os horrores que aconteceriam em pouco tempo, na Segunda Guerra Mundial. Utilizando a idéia seerveldiana de referencialidade como marco teórico para ler a obra, é possível interpretá-la teologicamente. A pintura denuncia toda a ignorância e bestialidade da guerra, todo o abuso de poder que seres humanos podem exercer contra seus semelhantes, e faz lembrar a esperança profética expressa em textos como Isaías (2:4) e Miquéias (4:3), que falam de armas de guerra transformadas em instrumentos agrícolas.

4. OUTRAS TENTATIVAS DE ELABORAÇÃO DE UMA TEOLOGIA DA ARTE

Muitos outros teólogos – Paul Tillich, Hans Urs von Balthasar, Karl-Josef Kuschel, Jeremy Bebgie e outros – têm pensado os temas da arte, do belo, da estética, em perspectiva teológica. Evidentemente são elaborações muito diferentes umas das outras. Na tradição reformada propriamente, não há um monismo metodológico nem uma abordagem uniforme à questão. Nicholas Wolterstorff e Calvin Seerveld, por exemplo, apesar de serem identificados com o neocalvinismo holandês, têm abordagens distintas e são ambos bastante diferentes de Herman Bavinck e de Hans Rookmaaker. Wolterstorff tem se esforçado para pensar a estética filosoficamente. Seerveld, conforme citado, pensa a questão com base no conceito que elaborou, de *allusiveness*. Quanto a Bavinck e Rookmaaker, é possível afirmar que trabalharam a questão com base num paradigma antigo, influenciado por demais pela filosofia platônica.

Hans Rookmaaker (1922-1977) merece menção especial e um detalhamento um pouco mais extenso. Holandês, foi preso pelo exército alemão que ocupou sua Holanda natal, por distribuir propaganda antinazista. Influenciou profundamente Francis Schaeffer (em um caso clássico de discípulo que se torna mais conhecido e mais famoso que o mestre). Rookmaaker lecionou História da Arte na Universidade Livre

de Amsterdã. Sua obra *Modern art and the death of a culture* tornou-se um clássico no campo. Rookmaaker tem uma visão bem nítida da cultura do século XX. Ele entende que a arte reflete o desespero do homem que se afasta de Deus, referencial absoluto existencial, espiritual e moral para o ser humano. São idéias que foram posteriormente popularizadas por Francis Schaffer (1974, *passim*).

Paul Tillich, por sua vez, é diferente de todos os citados. Sua principal elaboração nesse campo, conhecida como “teologia da cultura”, propõe uma correlação entre a revelação divina e a cultura humana. No contexto brasileiro, Tillich tem sido bastante apreciado por muitos que trabalham a relação teologia e arte sob uma perspectiva que pode ser considerada “ecumênica”. A Universidade Metodista de São Paulo tem sido destacado pólo de produção acadêmica por meio dessa possibilidade teórico-metodológica (cf. CALVANI, 1998; ZUBEN, 2003).

Hans Urs von Balthasar (1905-1988), teólogo católico suíço, foi um dos mais destacados teólogos do século XX. Sua vasta produção teológica, em grande parte ainda desconhecida no Brasil, tratou de vários temas. Mas merece destaque sua tentativa de pensar a estética teologicamente.

5. PISTAS PARA UMA TEOLOGIA EVANGELICAL LATINO-AMERICANA DA ARTE

Uma teologia evangelical latino-americana da arte não poderá ser xenofóbica. Não será construída a partir do vazio. Há que levar em conta o que outros cristãos em outras latitudes já falaram a respeito. Em outras palavras: não é por ser latino-americana que esta (ou qualquer outra) teologia precisa querer inventar a roda outra vez. Nesse sentido, o presente artigo é uma modesta, mas entendo que necessária, contribuição.

Antes disso, para que essa teologia seja verdadeiramente evangelical, há que se construir um embasamento bíblico para essa abordagem. É necessário procurar construir, por meio do dado da revelação bíblica, uma base para um entendimento evangélico das artes.

Além disso, uma teologia evangelical latino-americana da arte terá que lidar preferencialmente com manifestações artísticas latino-americanas. Nesse sentido, excelente contribuição é oferecida por Luiz Rivera Pagán (1996) em *Mito, exílio y demônios: literatura en América Latina*. Nessa obra, o autor trata apenas de obras literárias de autores hispano-americanos, procurando ver que conteúdos teológicos são veiculados nas obras que analisa. Nessa direção, há que se pensar na produção de leituras teológicas de obras artísticas, além da literatura, mas também na pintura e quiçá em outras manifestações artísticas.

Outro ponto, ligado ao anterior, é que uma teologia evangelical latino-americana da arte deverá tratar de problemas ligados ao contexto latino-americano. Dentre vários exemplos possíveis, aponta-se o quadro *Mendigos*, do pintor parai-bano Tomás Santa Rosa (1909-1956).



Mendigos, de Tomás Santa Rosa.

O que mais chama a atenção na obra é que os mendigos apresentados não têm feição que se possa discernir ou distinguir. Tal como os mendigos de todos os tempos e lugares, não têm rosto nem nome. Além disso, não têm casa, a não ser a rua. Não têm nada. São completamente despossuídos. Uma leitura seerveldiana da obra apontaria para os problemas de uma sociedade que, à semelhança da sociedade em pratica-

mente todos os países latino-americanos, de modo estranho e perverso, cria condições para que haja pessoas nessa condição.

A teologia latino-americana em geral ainda não desperdiçou para a importância de uma reflexão sobre a arte em seu contexto. Espera-se que pesquisas e investigações sobre o tema surjam em todos os quadrantes do continente.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, J. C. *Literatura e espiritualidade*. Bauru: Edusc, 2001.

CALVANI, C. E. B. *Teologia e MPB*. Um estudo a partir da teologia da cultura de Paul Tillich. 1998. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.

CALVIN, J. *Commentaries on the Four Last Books of Moses, arranged in the Form of Harmony*. Translated Charles W. Bingham. Edimburgh: Calvin Translation Society, 1854. v. 3

CALVINO, J. *As Institutas da religião cristã*. Tradução Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

DREHER, M. N. Palavra e imagem: a reforma religiosa do século XVI e a arte. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, 2001.

HEINZ-MOHR, G. *Dicionário dos símbolos – imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulinas, 1997.

KUYPER, A. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MCKIM, D. *Westminster dictionary of theological terms*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996.

PAGÁN, L. R. *Mito, exílio y demônios: literatura en América Latina*. San Juan, Publicaciones Puertorriqueñas, 1996.

SCHAFFER, F. *Morte da razão*. São Paulo: ABU Editora, 1974.

SEERVELD, C. Conceito cristão de estética. In: ELWELL, W. (Ed.). *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. 2.

_____. *A christian critique of art & literature*. 2. ed. Toronto: Tuppence Press, 1995.

THIESSEN, G. E. (Ed.). *Theological aesthetics. A reader*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

ZABATIERO, J. P. T. Um movimento teológico e sua contribuição para a transformação social. A Fraternidade Teológica Latino-Americana – Brasil. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER) (Org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ZUBEN, R. von. *Substância religiosa nas composições do grupo Legião Urbana*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.